

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**EDUARDO SERRA, “INTERPRETAR UM TEXTO COM LUZ”**  
**10 e 15 de julho de 2025**

**MARCHE À L’OMBRE / 1984**  
(*Vai pela Sombra*)

*Um filme de Michel Blanc*

*Realização:* Michel Blanc / *Argumento:* Michel Blanc e Patrick Dewolf / *Produção:* Bernard Artigues, Christian Fecner / *Montagem:* Joëlle Hache / *Direção de Fotografia:* Eduardo Serra / *Casting:* Françoise Menidrey / *Design de Produção:* Carlos Conti / *Guarda-roupa:* Elisabeth Tavernier / *Música:* Jacques Delaporte, Xalam / *Som:* Alain Lachassagne, Jean-Paul Loublier, Claude Villand / *Montagem Sonora:* Christine Aya, Elisabeth Moulinier / *Interpretações:* Gérard Lanvin (François), Michel Blanc (Denis), Sophie Duez (Mathilde), Katrine Boorman (Katrina), Mimi Félixine (Marie-Gabrielle), Pierre Forget (La fourgue) / *Cópia:* 35mm (Scope), cor, falado em francês, com legendas em português / *Duração:* 85 minutos / *Estreia Mundial:* 17 de outubro de 1984, França / *Estreia Nacional:* 3 de julho de 1987 / *Primeira passagem na Cinemateca.*

**A sessão de dia 15 de julho tem lugar na Esplanada**

\*\*\*

Ao célebre aforismo do Conde de Buffon, “O estilo é o homem”, apetece responder com uma frase dita por Michel Blanc em entrevista concedida à revista *Télérama*, em 2007: “O nosso trabalho somos nós próprios”. Blanc foi um dos membros-fundadores mais destacados da trupe de atores Le Splendid, nome proveniente do café-teatro situado na Rue des Lombards em Paris, celebrizando-se e popularizando-se no primeiro de três filmes cómicos intitulados **Les bronzes** (1978, 1979 e 2006), uma trilogia dirigida por Patrice Leconte. Blanc também podia dizer que “a falta de estilo é o homem”, porque é essa falta de jeito ou de estilo que lhe valeu o cognome, algo equívoco, de “O Woody Allen francês” (*vide* «Morreu Michel Blanc, chamavam-lhe o “Woody Allen francês”», artigo de Vasco Câmara publicado no *Público* em 4 de outubro de 2024). Como típico ator cómico, ou melhor, “autor cómico”, as personagens confundem-se com o homem e a ação gira em torno das suas neuras e (in)capacidades inatas. De estatura baixa (1,65 m), tez branca empalidecida, olhar triste, caído, contrastado com a boca de lábios finos em que, por vezes, “dispara” um sorriso *à la* gato d’*Alice no País das Maravilhas*, Blanc dizia-se hipocondríaco e, aparentemente sem ironia, abraçava a sua calvície precoce.

Assim, o charme de Blanc advinha de uma certa falta de jeito para lidar com o mundo que o rodeava. Uma das suas personagens mais marcantes, não propriamente cómicas, mas a tender para o patético e para o trágico, foi **Monsieur Hire** (1989), na adaptação cinematográfica do livro de Georges Simenon *Les Fiançailles de M. Hire* levada a cabo por – de novo ele – Patrice Leconte. Aquilo que o tornava irresistível aos olhos da personagem interpretada por Sandrine Bonnaire combinava com aquilo que o tornava no principal suspeito da morte de uma vizinha: a sua “estranheza” intrínseca. Estranho charme ou temperamento que fez com que a máscara de *clown* se transformasse na pele de humaníssimas personagens vulneráveis a precisar de cuidados especiais.

É isso que Michel Blanc consolida neste **Marche à l’ombre**, obra que protagoniza, assina como argumentista e também enquanto realizador debutante. Nela, faz dupla com Gérard Lanvin, um

par improvável pois tudo aquilo que é imediatamente sedutor na *persona* de Lanvin, um músico multitalentoso à procura de uma oportunidade na vida, é contrariado e exposto ao ridículo nas manias e comportamentos do comparsa encarnado por Blanc. Dois homens que não têm onde cair mortos viajando pelo mundo, de poiso em poiso, à procura de uma chance qualquer. Não se trata tanto de um “bucha e estica” da era moderna, mas na dupla vigora um jogo antinómico que torna bem improváveis os contornos da amizade, ao passo que esta personagem de **Marche à l’ombre** também concorre para a *persona* que Blanc vai construindo, ao longo da sua filmografia, entre a comédia e o drama ou a dramédia; de pobre e frágil “con” a quem os outros, por empatia ou por pena, prestam um cuidado especial. A primeira marca porventura insólita é o talento inato – até aparentemente mais presente na personagem de Blanc do que na de Lanvin – em atrair sexualmente membros do sexo feminino. Aliás, um dos *gags* do filme prende-se com a sucessão de noites de romance de Blanc sempre interrompidas pela chegada inopinada do garboso músico que, por comparação, não parece tão resolvido, e eficaz, em matéria de “engate”. Portanto, a história à deriva desta dupla surpreenderá pela inversão progressiva que se vai operar entre o ser e o parecer: Lanvin é, afinal, o romântico inveterado, que se deixa enfeitiçar pelo amor, ao passo que Blanc, mesmo que subjugado à sua hipocondria e falta de talento para quase tudo na vida, se revela um “engatatão” despreocupado. Um jogo de contrários, frutuoso para retirar dividendos cómicos, que permite a viagem, o acumular de peripécias e situações inesperadas, numa Paris clandestina retratada em extensão, nomeadamente nos seus múltiplos problemas, tais como a habitação ilegal de uma imigração deixada ao abandono, o tráfico e o consumo de droga, o mercado negro de produtos contrafeitos vendidos nas ruas e uma “sociedade” de músicos de metro dependentes da mendicidade e alvo de todo o tipo de abusos.

**Marche à l’ombre** é uma comédia ligeira trespassada por assuntos pesados, algo traduzido nos termos da própria imagem pelo português Eduardo Serra, que teve aqui o início de uma carreira esfuziante no plano internacional enquanto diretor de fotografia de referência: “Numa comédia, é a ação, e não a luz, que pode fazer rir. Por isso tende-se a usar uma luz plana, uniforme, apenas para se ver o que está a acontecer. É por isso que a comédia é mal vista e não tem muito prestígio no que toca à direcção de fotografia. Mas em ‘Marche à l’ombre’, optámos pelo contrário das técnicas fotográficas habituais da comédia. Usámos antes claros-escuros; o Michel Blanc quis filmar com distâncias focais muito longas e os cenários foram escolhidos em função disso. Mas ninguém reparou...” (in «Eduardo Serra: L’Homme à la caméra», *Objectif Cinéma*, 26 de janeiro de 1999). Repare-se, finalmente, nisto e, decisivamente, no quanto Blanc aligeira, sem desvalorizar ou ridicularizar demasiado, aquilo que é pesado e duro na vida destas personagens errantes, fazendo da marginalidade um modo de vida verdadeiramente livre, como se, no fundo, no fundo, o “par de estroinas” tivesse alcançado a felicidade vivendo à margem e sem poiso fixo, na medida em que talvez a sua morada de eleição seja, enfim, o ombro amigo um do outro. Pois vivem um para o outro, amparando-se mutuamente nas suas necessidades e manias. Por conseguinte, não fica assim tão longe da verdade o dono da residencial “rasca” que pensa e verbera, sem freios, que os dois só podem ser um casal *gay* – eis o grau do *bromance* que aqui *vai pela sombra*!

Luís Mendonça